DESIGNERS E SEUS MATERIAIS: ADORNOS DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX

DESIGNERS AND THEIR MATERIALS: ADORNMENTS FROM SECOND HALF CENTURY

Julia Yuri Landim Goya[1], Maria Antonia Benutti[2]

Abstract *—In this research we made a analyzed historically the materials used in adornments since the early twentieth century so we could contextualize the importance of the 50's and the second half of the twentieth century for the use of different materials in jewelry. This analysis included a literature of designers, jewelers, historical studies, socio-cultural and economic research at the time, besides reading books fashion. The importance of it was the analysis of how these new materials have brought new meaning to the jewelry without taking their original meanings (spruce; represent power, social class, location of tribes; identification in general). The research focused on the regions of Europe and the United States during these years were considered the main creative jewelers and poles.*

Index Terms — adornment, design, materials.

INTRODUÇÃO

Já na antiguidade o ser humano sentiu a necessidade de se enfeitar e se destacar em seu meio, seja com penas e ossos na Pré História ou colares de ouro e pedras preciosas na Renascença. Corbetta [1] aponta que os adornos expressam modos do ser humano se relacionar entre si e com o mundo e, portanto carregados de significado, podendo ser entendidos como uma linguagem composta por sinais e códigos.

Podemos supor que o adorno tem sua origem com função mágica, assim como com aspecto político social, já que as peças mais antigas que se tem conhecimento são amuletos ou símbolos religiosos e objetos que representavam poder, diferenciando e até distanciando socialmente quem os usava dos demais.

O significado e importância da joia podem ser considerados em termos da sua função, seja ela como reserva de valor, simbólica ou estética. Como reserva de valor a joia representa uma segurança financeira a seu proprietário, visto ser, quase sempre, um objeto de valor monetário significativo. Pode, também, representar a posição social e econômica ou ainda representar a fé e ter função de proteção como amuleto.

Além das funções que o adorno possui não podemos esquecer o valor sentimental que ele carrega. Seja como uma joia herdada, uma bijuteria dada por um amigo ou uma peça assinada pelo seu designer favorito, o adorno tem uma carga emocional devido à identificação que o usuário cria com ele.

A joia pode ser definida como objeto de adorno pessoal, geralmente feito com material valioso. Partindo do conceito que materiais valiosos são caros, por muito tempo, para as joias de família, se adotava um desenho tradicional ou clássico, para que estas fossem passadas de geração em geração como herança de família, sem perder seu valor estético. Carregadas de lembranças, essas peças são ligadas emocionalmente a pessoa que as usam.

Além disso, são peças que não perdem o valor monetário, pois se perdem o seu valor estético podem ser desmontadas, derretidas e recriadas. Sob este ponto de vista, a joia compactua com o conceito de ecodesign, pois seu material nunca é descartado no meio ambiente e tem uma vida útil muito longa.

ESTUDO HISTÓRICO, SÓCIO-CULTURAL E ECONÔMICO

Ao longo do século XX, a moda passou por uma rápida e radical transformação. Aquilo que no início do período era um luxo exclusivo da minoria abastada transformou-se num sistema relativamente acessível, pluralista e de giro rápido, atraindo a participação das massas [2].

Para explicar este fenômeno, podemos iniciar com o cinema na década de 50, data marcante para o uso de bijuterias. Mas para isso voltaremos alguns anos antes quando novas tecnologias e materiais provenientes de movimentos artísticos inovaram as peças e também quando o luxo estava em seu auge, sendo retratado nas telas dos cinemas.

Para nos contextualizarmos é necessário lembrar que a Belle Époque condizia com riqueza e status social, limitando a moda às elites. O preço de roupas assim como acessórios era inacessível à maioria. O Art Noveau apesar de ter sido uma estética ligada ao Belle Époque e ser restrita a elite teve grande influência no ramo joalheiro e na descoberta de novos materiais. Essa realidade, no entanto, acabou

[1] Julia Yuri Landim Goya, graduanda do curso de Design da FAAC – Unesp - Bauru, Rua Luiz Tentor, 10-126, Bauru, SP, Brazil, jylgoya@hotmail.com
[2] Maria Antonia Benutti, Professora doutora do curso de Design da FAAC – Unesp – Bauru, Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01, Bauru, SP, Brasil, mariabenutti@faac.unesp.br
DOI 10.14684/WCCA.8.2015.131-135
© 2015 COPEC

mudando com o início da Primeira Guerra Mundial, que permitiu que o mercado de peças prontas aumentasse drasticamente.

Com o fim da Primeira Guerra Mundial houve uma influência muito grande do Modernismo, caracterizado por linhas simples e limpas e o total desprezo por adornos supérfluos. Graças a essa linha de androginia da moda em meados dos anos 30 houve um *revival* vitoriano, podendo ser entendido também como uma resposta à Grande Depressão. Inspirado em roupas de bailes à fantasia, esta moda foi adaptada então para o uso diário, dando um novo fôlego à indústria [2].

Segundo Stevenson [3] nos elegantes anos 30 as mulheres procuravam glamour de diversas maneiras. Copiando a alta costura dos cinemas as mulheres criavam um novo guarda roupa baseado nas vidas das "fantásticas sereias". Neste período as pessoas não tinham como comprar joias caras e a joia fantasia era a grande excitação do momento, inclusive sendo muito utilizada pela indústria cinematográfica.

Seguindo essa linha de pensamento Chanel mistura joias verdadeiras e falsas, pois achava que a joalheria não deveria despertar inveja e sim ser divertida e decorativa. Ela mesma passou a fabricar joias fantasia e vendia por suas lojas espalhadas pela Europa. Esse pensamento faz muito sentido se lembrarmos que ela viveu em um momento que grande parte dos materiais preciosos foram usados na guerra na construção de maquinário, muito foi vendido em momentos de fuga ou derretidos para ajudar a pátria.

FIGURA 1
COCO CHANEL

Ainda na década de 30 houve uma influência da arte surrealista na moda. Este movimento abriu margem para um público mais amplo, pois os artistas tinham a liberdade de misturar obras, roupas, fotografias e outras peças para fazer suas joias. O colar de aspirinas feito por Elsa Schiaparelli é um grande exemplo a ser ressaltado e também uma das primeiras peças do século XX a não usar materiais preciosos [3].

Já o efeito da Segunda Guerra Mundial na moda, principalmente na Grã-Bretanha, foi o de racionamento. Portanto, todo o glamour presente na década anterior foi trocado por peças simples, utilitárias e duradouras. Com o fim da guerra, várias nações estavam decididas a se reerguer baseadas na alta costura. Não somente a França, responsável pelo famoso "New Look", mas também a Grã-Bretanha com feiras comerciais para divulgar novas tecnologias e invenções muito famosas desde o início do século.

O "New Look" representava a volta da exuberância e do feminino e era a antítese do econômico e funcional usado durante a Segunda Guerra, período denominado Utilitarismo, onde os fabricantes eram proibidos de usar enfeites em suas peças. Na década de 50 vivia-se um pós Guerra que valorizava a vida e a beleza, principalmente nos EUA, que haviam evoluído econômica e industrialmente.

Desde a década de 40 o Existencialismo, uma postura antimoda e contracultura, cresceu no cotidiano das pessoas de classe média. Ele se tornou então uma tendência alternativa ao vestuário, mas só nos anos 60 atingiu todo o globo defendendo sempre a antimaterialidade e simplicidade nas peças [2].

Os anos 60 simbolizaram um momento de grandes mudanças sociais e artísticas e a moda refletiu isso. Os jovens neste momento se tornaram vitais para a indústria e a aprovação dos pais perdeu a importância. A construção do muro de Berlim, a exploração do espaço, morte de Kennedy, o uso da minissaia, pílula anticoncepcional, recrutamento nos EUA, os looks de Jackie Kennedy, a Op Art e a música dos Beatles eram alguns itens que influenciavam a juventude. Eles queriam se libertar, revolucionar e rejeitar o sistema. Esse caldeirão de ideias era traduzido em imagens da Op Art e da Pop Art. Os padrões espiralados e coloridos tornaram-se um símbolo de uma revolução contracultural. Além disso, os hippies trazem novos acessórios como flores e miçangas.

Os jovens procuravam então um ritmo de vida diferente do "ready-made". Isso levou a busca em mercados de antiguidades de itens feitos à mão como broches e fivelas antigos [3].

Nos anos de 1960/1970 surge também um movimento chamado "Studio Jellery" que concebiam joias como um projeto artístico. Essa joalheria experimental normalmente era exposta em museus e galerias, confrontando os conceitos tradicionais [4]. Esse movimento sugeria joias mais efêmeras, ao contrário da joalheria tradicional que possuía metais e gemas preciosas.

Além dessas mudanças e inovações, houve uma revolução estética no final da década que se estendeu até perto dos anos 80 chamada Artesanato Folk.

Os anos 70 foi uma década de transição, não apagaram por completo o efeito da década anterior, tendo assim muita influência ainda do público jovem. Mas também podemos já notar o nascimento de tendências dos anos 80, com um estilo de vida que estava entre o escapismo e o hedonismo. Assim a moda nesta época se ligou muito a indústria musical, tornando designers e artistas pessoas de glamour tanto quanto os astros da música, celebridades que se reinventavam toda hora. Um exemplo desta estética foi o Glam ou Glitter definido muito pela teatralidade, androginia e o glamour em cada peça de seus vestuários, abrindo as portas assim para o "vale tudo" dos anos 1970 e 1980 [2].

Além disso, a entrada efetiva da mulher no mercado de trabalho fez com que o vestuário atemporal clássico ressurgisse, ao mesmo tempo em que nas ruas inglesas, a estética Punk reinava. Este estilo resumia-se na subversão. Por meio de bricolagem, usavam diferentes materiais e estilos para criar um novo significado no look.

As décadas de 80 e 90 não foram grandiosos em relação a movimentos artísticos ou sociais que influenciaram no ramo joalheiro, apenas pelo "nascimento" do estilo esportivo. Além disso, nos anos 80 explodiu o uso de pedras semipreciosas. Na época este termo era usado para definir toda gema que não fosse diamante, esmeralda, rubi e safira. Hoje em dia este termo não é mais utilizado.

No fim da década surge então a união entre o estilo Glam e o Punk e é denominado por Mackenzie [2] como o Neoromantismo. O importante dentro desta estética era radicalizar sua criação, fazendo um visual único.

Neste momento os designers e estilistas começam a ganhar mais importância, o que fez com que o mercado da joia fantasia crescesse muito. Isso propiciou o aumento do preço, assim como da qualidade. O preconceito com o falso desapareceu, e o fato de alguém consumir algo sem materiais verdadeiros, não significava que não poderia ter uma joia autêntica [1].

Nos anos 1980 o estilo de rua e a alta moda se sobrepunham e convergiam, se subdividindo em subculturas. Esse fato continuou até o final da década onde era possível ver posteriormente a mistura da moda de rua com a alta costura, em locais como boates. Isso acabou influenciando a década seguinte, onde estilistas, fotógrafos e designers se aproveitam da história da moda para suas produções [3].

O lado mais tradicional e chique dos anos 80 pode ser visto nos Yuppies e na moda japonesa. Diferente dos Yuppies a etiqueta japonesa promoveu um intelectualismo do design. Já os Yuppies cultuavam a própria imagem. Eram individualistas e muito preocupados com seu status.

Em locais como por exemplo boates já pode ser visto, neste momento, um *revival* romântico, onde peças como tutus, saiotes e espartilhos assim como bijuterias imitando as joias usadas no século XVIII são vistas com mais frequência. [3]

Porém, em um movimento de reação aos excessos materialistas da época, irá surgir a moda Grunge, caracterizada pela falta de polidez e artifícios [2]. Em consequência desses estilos surge o Desconstrucionismo que inicia o uso de acessórios para a montagem de roupas e vice versa. Essa tendência pode ser analisada como uma recuperação e reciclagem de materiais para a criação de peças novas.

Nos anos 90 a moda já era assimilada como cultura popular. Desfiles de moda eram altamente visados, assim como a produção decorrente deles, como revistas, roupas de elite e até alta joalheria ou as joias conceituais usadas nos mesmos. As modelos tornaram-se estrelas, sendo assim, também tinham produtos com seus nomes. Isso gerava um alto nível de consumo por peças lançadas, coleção após coleção, e peças usadas pelas personalidades eram requisitadas tanto quanto as usadas nas passarelas ou novidades das vitrines. Fora isso perto do fim do século XX houve uma fixação por marcas. A ostentação, ligada ao estilo gangsta surge neste contexto [3].

Desde os anos 2000 até os dias atuais o mundo passa por uma preocupação ética com a sustentabilidade, como por exemplo, se haverá recursos suficientes para as gerações futuras. Surge então o pensamento de um consumo mais consciente, obrigando as grandes marcas, estilistas e designers a responderem por esta demanda.

Fora isso a necessidade de estarem presentes e conectados com o mundo, usufruindo de mídias sociais como blogs, editoras online e lojas virtuais, tornou a informação mais rápida e dinâmica, isso passa a ser até mesmo uma preocupação para este mercado, onde não há tempo ou espaço para uma reflexão maior. Estamos, portanto vivendo em um momento contraditório da moda, onde a tecnologia acelera a produção e a compra de produtos, mas seu público alvo tem um anseio ético ecológico maior que as gerações anteriores.

"A realidade mostrou-se bem mais mundana. A moda da primeira década do século foi apenas uma evolução daquilo que se iniciara no final dos anos 1990. A adoção da internet tanto pela indústria como pelo consumidor trouxe o maior impacto sobre a maneira com que os modismos se desenvolvem no século XXI, ao permitir uma inédita e democrática participação dos usuários no negócio e na cultura da moda." [2].

Por outro lado a moda se tornou tão pluralista e com tamanha rapidez que os itens passaram a correr riscos de esgotamento e mediocrização em muito menos tempo. Mas ao mesmo tempo que não é mais possível radicalizar estilos, temos a criação crescente de modismos de sub e contraculturas. Segundo Makcenzie [2] apesar da criação dessas tendências que desafiavam status e despertavam polêmicas, a segunda metade do século XX se tornou imune a elas.

PESQUISA DE DESIGNERS QUE USARAM MATERIAIS "NOVOS"

Iniciamos nossa análise voltando um pouco antes da criação da bijuteria para compreender melhor o contexto de seu surgimento. Durante o Art Nouveau, estilo no qual os joalheiros franceses começaram a usar bronze, vidro, madrepérola e marfim, René Lalique pode ser citado como um dos melhores exemplos deste trabalho. Um dos primeiros a ver a qualidade plástica de materiais menos valorizados como esmalte, o osso, marfim, opalas, começando uma ruptura estética. Em suas obras coloridas e detalhadas usava pedras semipreciosas, chifres, vidro soprado, prata e esmaltes, materiais desdenhados por outros joalheiros da mesma época.

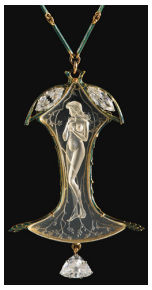

FIGURA 2

RENÉ LALIQUE – PINGENTE "NINFA NUA ENTRE RAMOS PENDENTES".

Outro exemplo de joalheiro que podemos citar nessa mudança nos materiais é Boucheron, que mesclava materiais originais como madeira e cristal de rocha com pedras que só a elite poderia adquirir. Ele utilizava as mais perfeitas e caras gemas e acreditava que seu valor não se perdia mesmo estando misturadas com outros materiais não nobres. Ao mesmo tempo temos Fabergé, que pensava que a joia deveria ter seu valor ligado não ao material, mas ao seu design. Já Daniel Swarovski produzia gemas falsas que eram utilizadas na alta costura e desfiles de moda que, aliás, são usados até hoje em bordados e outras peças do vestuário [1].

Llaberia [4] comenta que "Houve um crescente interesse dos artistas pelas chamadas artes menores na qual a joalheria estava incluída. Muitos tiveram, assim, seus nomes como criadores também de joias, como Bagge, arquiteto, designer de interiores e de móveis, de papéis de parede e de tecidos, que colaborou com a Maison Fouquet. O pintor Leveillè criou joias em cristal com gemas lapidadas, combinando com esmalte e ouro."

Em meados dos anos 20, o plástico era um material considerado particularmente barato, mas ao ser combinado com produtos como pérolas falsas, vidros e outros, passa a compor peças como joias-fantasia. Assim que o plástico tornou-se totalmente manufaturado, passou-se para uma produção em larga escala de contas, braceletes, brincos e anéis moldados.

Não podemos esquecer também da influência que a Art decò, Fauvismo e as descobertas no Oriente tiveram no ramo joalheiro. Na época da estética vigente, os joalheiros usavam materiais não tradicionais junto com diamantes, usando muitas cores.

Já durante o entre guerras, a joia acompanha as modificações econômicas e sociais que aconteceram, modificando a aparência feminina. Podemos citar vários exemplos como de Chanel, usando as primeiras joias fantasias inspiradas nas peças bizantinas, Cartier valorizando a incrustação discreta de gemas em platina, a ourivesaria parisiense alcançando alta qualidade usando ouro e platina em diversas tonalidades e misturando gemas preciosas e semipreciosas, desenhistas influenciados pelo Art decò e pelo Cubismo fazendo peças em baquelita, esmalte, contas de vidro, niquelados, nacarados e outros materiais não preciosos e, por último, artesãos hollywoodianos com peças sempre originais.

Segundo Pedrosa [5] "A arte da joalheria, depois da 2ª Guerra Mundial, adaptou-se a uma clientela que comprava não só para uso, mas também como investimento. A partir da segunda metade do século XX, novas ideias e conceitos, assim como novos materiais passaram a ser utilizados pelos *designers*, como os metais titânio e nióbio, e também diferentes tipos de plásticos e papéis, buscando novos caminhos de expressão."

Enquanto isso no ramo da joalheria em contraste com as joias tradicionais, com gemas e conjuntos extravagantes, começou a surgir nos anos 50 a joia de artista. Estes artistas usavam principalmente prata e posteriormente titânio. A joia passa, portanto a ser considerada forma de arte e culminando o papel de artista de joia nos anos 60. Por exemplo, Sam Kramer que utilizava objetos já prontos e os montava com aço, plástico, prata e outros materiais.

Na década de 60 houve um *boom* de movimentos culturais que refletiu no mercado de adornos.

Novos materiais foram inseridos por combinarem mais com os movimentos artísticos e também para serem testados nessa indústria que crescia cada vez mais devido ao poder aquisitivo crescente dos jovens.

"Brincos de plástico em listras brancas e pretas ou de metal pintados de branco brilhante tornaram-se febre seguindo o movimento Op-art; influências orientais e étnicas marcaram os acessórios do estilo hippie, no qual a joia indiana foi a grande inspiração." [6].

Podemos citar mais alguns estilistas e designers de joias e seus feitos, como Giorgio Di Sant'Angelo utilizando adereços plásticos da Op Art e Pop Art, Paco Rabane fazendo uso de ornamentos de plásticos e arames, tirando sua inspiração na descida da lua. Já a criação da antijoia do mesmo autor, sobre influência direta da Op Art, experimentando materiais como madeira, papel, PVC além das peças advindas da Pop Art de biscoitos, chocolates e limão.

As joias deveriam ser avaliadas não pelo custo do material, mas pela qualidade da criação e concepção. Na Inglaterra os designers que trabalhavam juntos, David Watkins e Wendy Ramshaw, utilizaram plástico, fibras têxteis, madeira e até mesmo papel. Considerando que tudo poderia ser usado como ornamento para o corpo [1].

FIGURA 3

JOIAS DE PAPEL DE DAVID WATKINS E WENDY RAMSHAW

Materiais como o ouro e pedras, foram banidos ou associados a outros para acentuar a provocação. Começou o domínio de materiais ditos "pobres" como papel, tecidos, polímeros ou até mesmo materiais mais efêmeros como

palha ou massa alimentar. Os novos materiais permitiam então, redimensionar as joias. Estas atitudes são contemporâneas de outros movimentos de libertação que procuravam não só a inovação, mas também aceitabilidade social.

Essa joia denominada "nova joia", trata da questão do valor em relação a ideia em si e ao processo criativo e de produção. A utilização ou não de materiais preciosos, mas especialmente o uso de materiais não convencionais em joalheria como o vidro, a cerâmica, fios diversos, resinas e madeiras, por exemplo, tratados como preciosos em função da concepção e do modo de fazer, trazem uma nova leitura para o significado da joia.

Já nos anos 70 o uso de resina, acrílico e plástico foi visto constantemente devido aos movimentos estéticos da época e reflexos dos movimentos dos anos anteriores, como movimento hippie, psicodelismo, pop art, punk, entre outros. Esses movimentos artísticos valorizavam o tamanho dos adornos e das peças decorativas, e esses materiais citados facilitaram a produção industrialmente.

A utilização de tecidos e fibras, criando formas mais leves do que quando usavam metal ou plástico no final da década de 1970 e início de 1980 por vários artistas faz surgir os "wearables", voltando seus trabalhos para roupas, chapéus ou esculturas. Temos como maiores exemplos desse trabalho nomes como Emmy e Gijs Bakker, que tratavam as joias como esculturas de vestir. Ambos tinham a ideia de que a joia devia promover a igualdade e por isso trabalhavam com materiais não preciosos como o alumínio e plásticos.

Uma grande variedade de materiais foi introduzida no repertório dos joalheiros. Os usos criativos do plástico, explorando suas propriedades mais do que por imitar outros materiais valiosos foi a vanguarda do trabalho de Van Leersun e Bakker.

Também nos anos 80, quando o estilo esportivo dominou a moda ele subverteu os conceitos de luxo já vigentes. Começaram experimentações com couro, madeira, palha, sementes, seda, cetim, silicone, acrílico, murano, borracha e outros.

A partir dos anos 90 o que foi mais valorizado foram as criações dos joalheiros, designers e artesãos. Não importava mais tanto de que materiais as joias eram feitas e sim o nível de exclusividade delas. Por exemplo, é muito difícil ter dois colares com uma quantidade absurda de diamantes, assim como é complicado ter uma pulseira de tricô exatamente feita da mesma maneira que a anterior.

Quanto mais exclusiva e pessoal a peça, mais valorizada ela ficava. Na virada do século surgiram mais e mais estilos segmentados dentro de outros estilos, necessitando assim acessórios únicos que condiziam com a realidade existente. Assim, os adornos hoje em dia buscam, não apenas mostrar seu nível social como nos anos 1920 (apenas os abastados possuíam joias), mas sim mostrar a identidade cultural das tribos com as quais as pessoas se identificam, ou com os conceitos que concordam. Como por exemplo, joias recicladas podem indicar que você é uma pessoa que se importa com o meio ambiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Adorno é um objeto que tem a função de embelezar, ornamentar e enfeitar e, isso não mudou ao longo dos séculos. A função simbólica da joia ainda é a principal, e seja ela considerada falsa ou com materiais alternativos, continua transmitindo um conceito, uma ideia, representando o usuário e seus anseios sociais e culturais.

Para cada usuário em seu meio sócio-cultural o adorno tem um significado diferente, mas isso não significa que uma joia de ouro valha mais do que uma de plástico. Para alguns o que vale é quem fez a peça, para outros de quem ganhou ou quanto ela custou. Ao longo dos anos esses quesitos se alteraram, afinal o contexto social, econômico e cultural mudou, e por isso temos a ilusão de que são os materiais que importam e dão valor às peças.

Hoje em dia vemos que, para cada pessoa, o valor dos adornos se alteram. Para um público extremamente jovem, como crianças, o importante é ter peças que mostrem seus personagens favoritos ou que pareçam com as joias de suas mães ou avós em miniatura, já para um público adolescente, o importante é se destacar na sociedade, mostrar a que grupo social se enquadra ou gostaria de pertencer.

Já em uma faixa etária entre 25 e 35 anos, é um momento de decisão de estilo, no qual é importante mostrar a sua independência e conhecimento, portanto aqui é mais fácil ver pessoas buscando peças assinadas ou com um valor mais alto. Diferente de senhoras com mais de 40 anos, onde é interessante notar a busca pelos clássicos, ou seja, peças com materiais preciosos e com um desenho tradicional, que "durem" mais ou não "enjoem". É claro que existem diferentes situações e casos à parte, mas o importante aqui é ressaltar que a mesma pessoa, em diferentes momentos da vida, valoriza peças com materiais diferentes, valiosos ou não, por causa do seu contexto histórico, cultural e econômico.

REFERENCIAS

[1] Corbetta, Gloria, "Joalheria de Arte", 1ª Ed. Porto Alegre: AGE Editora, 2007.

[2] Mackenzie, Mairi, "Ismos: Para entender moda", 1 ª edição. São Paulo: Globo, 2010.

[3] Stevenson, Nj, "Cronologia da Moda: de Maria Antonieta a Alexander McQueen", 1 ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

[4] Llaberia, Engracia M.Loureiro da Costa. **"**Design de jóias: desafios contemporãneos"**.** *Dissertação de Mestrado*, Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2009.

[5] Pedrosa, Julieta "A história da joalheria", Disponível em <http://www.joiabr.com.br/artigos/hist.html>, acesso: abr, 2012.

[6] Medeiros, Maria Carolina. "Práticas do ecodesign no pólo de joias folheadas de Limeira: um estudo de caso", *Dissertação de mestrado*, UNESP, Bauru, 2011.